

# cidadania

janeiro/fevereiro de 2012 edição 64 ano 9



## O crack e o medo

4

DE EFEITO DEVASTADOR, O CRACK É A DROGA MAIS TEMIDA DA ATUALIDADE. DEVERIA SER?

O que está rolando? Pergunte ao MIT

6

Nutrição infantil: o feijão com arroz do desenvolvimento

7

Buscando na memória o futuro de sua empresa

8

## cidadania

Jacques Marcovitch  
Presidente

Carlo Lovatelli  
Vice-Presidente

Adalberto Luis Val  
Adalgiso Maia Telles e Souza  
Adib Jatene  
Antônio Carlos Rodrigues Branco  
Carlos Henrique de Brito Cruz  
Carlos Afonso Nobre  
Celso Lafer  
Eduardo Moacyr Krieger  
Jesus Hortal Sanchez  
José Julio Cardoso de Lucena  
Maria Bonomi  
Milton Notrispe  
Niède Guidon  
Roberto Rodrigues  
Sérgio Roberto Waldrich

Cláudia Calais  
Diretora Executiva

Renato Wenter  
Secretário Executivo

Juliana Santana  
Gerente de Projetos Sociais

Anna Barcelos  
Coordenadora de Comunicação

Cecília Carvalho  
Coordenadora de Projetos

Pedro Barizon  
Coordenador de Projetos

Luciana Amaral  
Coordenadora do Centro de Memória Bunge

**Publicação da Fundação Bunge,  
entidade sem fins lucrativos  
mantida pela Bunge no Brasil.**

[www.fundacaobunge.org.br](http://www.fundacaobunge.org.br)

Av. Maria Coelho Aguiar, 215  
Bl. D . 5º andar . São Paulo . SP  
05804-900

tel.: (11) 3741 1288

fax: (11) 3741 1044

fundacao@bunge.com

Cláudia Calais  
Coordenação

Anna Barcelos e Claudete Pereira  
Supervisão

Alexandre Bandeira  
MTb 49.431

Projeto e edição

Andrea Vilela de Almeida  
Direção de arte e arte-final

Alexandre Bandeira  
Artur Voltolini

Diogo Monteiro  
Marta Telles

Reportagens

Maria Fernanda Lima  
Revisão

Escala

Coordenação

(11) 3037 8878

escala-sp@agenciaescala.com.br

Gráfica Aquarela

Impressão

8.500 exemplares

Tiragem

### 1992: O ANO EM QUE TOMAMOS PROVIDÊNCIAS

Quando o relógio bater as 9 horas do dia 20 de junho de 2012, chefes de Estado, especialistas e representantes de ONGs do mundo inteiro estarão reunidos no Rio de Janeiro para se preparar para o futuro. A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, ou Rio+20, significa um novo capítulo do debate sobre a agenda socioambiental do planeta, duas décadas após a capital fluminense sediar a 1ª **Cúpula da Terra**, também chamada de **Eco-92** (ou Rio 92).

A própria Eco-92 tinha bases em outro encontro, que também a antecederia em 20 anos. A Conferência de Estocolmo (1972) é considerada a primeira tentativa mundial de conciliação entre as necessidades do homem e as do meio ambiente. Mas o debate, à época marcado pela disputa radical entre “desenvolvimento zero” e “desenvolvimento a qualquer custo”, pouco trouxe de resultados práticos. O encontro na Suécia serviu, no entanto, para atrair a atenção pública sobre temas pouco abordados até então, como a chuva ácida, a poluição atmosférica e a exploração sem controle dos recursos naturais.

Vinte anos depois, a Eco-92 reuniria mais de uma centena de chefes de Estado para, enfim, resultar em avanços concretos. Entre eles, a aprovação da Agenda 21, um plano de cooperação entre governos, empresas e ONGs com metas traçadas para o combate à pobreza e ao desflorestamento, para a conservação da biodiversidade e proteção da atmosfera, entre diversos outros tópicos. Assinada por 179 países, a Agenda 21 é um documento que até hoje baliza ações em escala global, nacional e local em prol da sustentabilidade.

Muitos outros eventos e tratados sobre o tema seriam produzidos nos anos que se seguiram a 1992. O Protocolo de Kyoto, por exemplo, apresentado à discussão internacional em 1997, traçava metas para que as nações reduzissem suas emissões de gases causadores do efeito estufa (o documento entrou em vigor em 2004). Mas, assim como o de Kyoto, grande parte dos compromissos ainda enfrentam dificuldades para ser cumpridos, devido aos altos custos financeiros de adequação e à resistência de países de alta industrialização, como os Estados Unidos e a China, em limitar o ritmo e a forma de sua expansão econômica.

A Rio+20 buscará justamente quantificar esses avanços e entraves, para estabelecer novos parâmetros de esforço e cooperação.



UN Photo | Michos Tzovaras

Dezenas de chefes de Estado e de delegações internacionais se reúnem para foto durante a Eco-92, quando a promessa de mundo sustentável começou a se desenhar

**BUNGE**  
FUNDAÇÃO



**Fontes Mistas**  
Grupo de produto proveniente de florestas  
bem manejadas e fontes controladas  
[www.fsc.org](http://www.fsc.org) Cert no.  
© 1996 Forest Stewardship Council

**Cidadania é participação.**

**Escreva para nós, opine, critique, sugira pautas ou divulgue seu projeto.**

**fundacao@bunge.com**

Av. Maria Coelho Aguiar, 215 . Bloco D . 5º andar . Jd. São Luiz  
São Paulo . SP . 05804-900 . tel.: (11) 3741 1288

## empoderamento

É o processo pelo qual um indivíduo ou grupo adquire voz e autonomia sobre questões sociais, econômicas, políticas e culturais que lhe dizem respeito.



Divulgação

Meninos da comunidade de Shangrilá Rosa, do município de Belford Roxo (RJ), participam da “peneira” que definiu as seleções em disputa na Taça das Favelas

### AS FAVELAS FAZEM MAIS UM GOL

Nos dias 19 e 26 do último novembro, 24 mil meninos e meninas de 15 a 17 anos suaram a camisa nos campos de futebol de diversas favelas cariocas. Mais que uma brincadeira, eles participavam da “peneira” que definiria os times das 80 comunidades em disputa pela 1ª Taça das Favelas, campeonato organizado pela Cufa (Central Única das Favelas) entre janeiro e fevereiro de 2012. Além de revelar e incentivar novos talentos esportivos, o objetivo da Taça é integrar as diferentes comunidades num evento de convivência pacífica e de promoção da cidadania. Algo que a Cufa já vem fazendo há mais de 10 anos.

Fundada no Rio de Janeiro, a Cufa é uma ONG que atua na formação cultural de jovens de comunidades de baixa renda em todo o País. Segundo Rogério Garcia, diretor de comunicação social da organização, “a Cufa surgiu pela necessidade de dar voz às pessoas das comunidades. Hoje a favela deixou de ser sinônimo de descaso e violência, para ser palco de eventos que valorizam o talento e a criatividade dos moradores locais”.

Entre os principais projetos da Cufa estão a Liga Internacional de Basquete de Rua (campeonato que, em 2007, fez parte do calendário oficial dos Jogos Panamericanos); o Hutúz, maior festival de rap da América Latina; o Favela Festival, voltado para a divulgação de novos talentos da MPB; e o festival internacional de cinema Cine Cufa, que exhibe obras produzidas ou dirigidas por moradores de favelas.

“Hoje a Cufa é a maior instituição de favelas do planeta”, diz Garcia. “Estamos presentes em todos os estados da Federação e em 21 países. É impossível estimar quantas pessoas são atingidas por nossas ações, já que nosso trabalho não alcança só o beneficiado direto, mas também sua família e seu entorno.”

Com uma agenda cheia para 2012 – que inclui a entrega do Prêmio Anu para as três melhores ações sociais do Brasil e o Viradão Esportivo, evento nacional que em 2009 envolveu mais de 16 milhões de pessoas em 33 horas ininterruptas de prática esportiva –, os organizadores da Cufa hoje voltam as atenções para os campos de futebol.

Entre 7 de janeiro e 4 de fevereiro, a 1ª Taça das Favelas promete se tornar mais um evento de integração e de expressão da identidade cultural dos moradores das favelas cariocas. E, quem sabe, revelar o sucessor de Ronaldo, Neymar e tantos outros craques que nasceram em comunidades pobres brasileiras.

## cidadania na web

Entrevistas e extras desta edição no site [www.fundacaobunge.org.br/jornal-cidadania](http://www.fundacaobunge.org.br/jornal-cidadania)

**“Um dia eu contei para meus pais. Falei que estava usando pedra e precisando de ajuda. Mas eu não queria ajuda. Porque eu achava que não ia conseguir ficar sem a pedra. Se eu ficasse longe, eu achava que ia morrer.”**

**Fabiola Taveira**, 41 anos, ex-usuária de drogas e residente da Instituição Padre Haroldo para dependentes químicos, sobre o crack.

**“É uma delícia no começo! É melhor do que sexo, irmão. Mas é só no começo. A grande sacada da prevenção é fazer a pessoa entender, ou melhor, acreditar que realmente só no começo o negócio é bom. Que, numa fração muito pequena de tempo, o negócio vai se tornar o seu maior pesadelo.”**

**Felipe Santos**, 24 anos, ex-usuário, residente da Instituição Padre Haroldo, sobre o crack.

**“[Conheci] vários exemplos de museus e biografias corporativas que maquiaram períodos ou eventos desconfortáveis da história de suas empresas. Porém nos museus corporativos quase sempre há espaço para falhas, na medida em que elas sirvam para reforçar o atual projeto de identidade proposto.”**

**“Grandes indústrias são sistemas sociais complexos onde milhares trabalham, lutam, amam e morrem. Em alguns casos, [elas] têm uma vasta coleção de memórias tangíveis de um passado coletivo, [com] valor cultural e simbólico para comunidades muito além das fronteiras das organizações.”**

**Davide Ravasi**, especialista em cultura estratégica organizacional, sobre museus corporativos e a importância da memória empresarial.



**A DEFINIÇÃO** de “fundo do poço” muda de pessoa para pessoa. No caso de Fabíola, ocorreu quando ela já estava afastada da família, morava sozinha, pesava 50 quilos e mal conseguia andar. Aos 41 anos e desde os 14 usando drogas, ela decidiu parar e pedir ajuda. Tinha chegado ao limite. Consumia crack há 10 anos e, em suas palavras, “a cota tinha estourado”. No dia 25 de março de 2011, Fabíola parou de beber, fumar cigarro e usar drogas ilícitas. “[O crack é uma droga] destruidora. Ela mata as pessoas, é diferente das outras”, diz.

Felipe tem 24 anos e, no dia 17 de dezembro do ano passado, sabia exatamente quanto tempo fazia desde que fumara sua última pedra: 251 dias. Foram seis anos desde sua primeira experiência com o crack – não a sua primeira droga. “Maconha, benzina, cola, esmalte, acetona, Benflogin, lança-perfume, loló, ecstasy, LSD, cocaína... Experimentei muita coisa.” Quando conseguiu um emprego que pagava 2 mil reais de salário, mudou o padrão de vida e pôde “fazer uma fita do jeito certo”, usar à vontade, sem depender de amigos. “Aí azedou.” Quando chegou ao fundo do poço, pediu ajuda ao patrão. E foi demitido. “Crack rouba muito.”

Depoimentos como os de Fabíola e Felipe, residentes na Instituição Padre Haroldo, em Campinas, São Paulo – entidade reconhecida internacionalmente como projeto bem-sucedido de atendimento a dependentes químicos –, somam a uma realidade que choca a sociedade. Para grande parte da população, o crack se tornou inimigo número 1 da saúde e segurança públicas – uma droga “diferente das outras”, mais “destruidora”.

Na mídia, as providências do Estado contra o crack ganham primeira página e especiais de TV. Público e especialistas acompanham atentos o desenrolar de medidas como a intervenção da Polícia Militar no bairro da Luz, no centro de São Paulo, que desde 3 de janeiro vem dispersando usuários e prendendo traficantes na mais conhecida “cracolândia” do País. No âmbito federal, a presidente Dilma Rousseff lançou, em dezembro último, um programa de combate ao tráfico e atendimento a dependentes especificamente batizado de “Crack, é possível vencer”.

O crack, enfim, assusta. Seu potencial para causar dependência rapidamente, a exposição do usuário a doenças relacionadas a comportamentos de risco e às substâncias tóxicas na composição da droga, o rompimento radical dos laços sociais que a dependência extrema causa, tudo isso é indiscutível.

Mas, afinal, o que significará para o Brasil declarar guerra ao crack?

**COM INVESTIMENTO** total previsto em 4 bilhões de reais até 2014, o programa “Crack, é possível vencer”, do Governo Federal, dá continuidade ao Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e Outras Drogas, lançado em maio de 2010 pelo governo Lula. Entre as medidas anunciadas, paralelamente às ações de combate ao tráfico, o programa pretende ampliar e qualificar a rede de atendimento à saúde voltada aos usuários de drogas. Serão disponibilizados 2.462 novos leitos para o tratamento de dependentes nos hospitais do SUS (Sistema Único de Saúde). Crescerá o número de CAPSad (Centros de Atenção Psicossocial especializados em álcool e drogas) no País – serão 175, funcionando 24 horas

por dia, 7 dias por semana, com capacidade para 400 atendimentos por mês. E serão criados 308 “Consultórios de Rua”, modelo de atendimento volante em locais de maior incidência de consumo do crack que busca direcionar os usuários para a rede de atendimento.

Especialistas, porém, alertam que o crack não é o único desafio enfrentado pela saúde pública e que qualquer ação do Governo deve dedicar atenção a outros tipos de drogas. Segundo o psiquiatra Antonio Nery Filho, fundador e coordenador geral do Cetad (Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas), da Universidade Federal da Bahia, de onde surgiram os primeiros Consultórios de Rua do País, o foco no crack é um equívoco.

“O crack foi alçado a uma posição na saúde pública brasileira que não corresponde à realidade, sobretudo se comparado ao álcool, ao tabaco, a medicamentos psicotrópicos usados fora do contexto médico e às substâncias voláteis” (benzina e cola, por exemplo), afirmou o psiquiatra em entrevista à *Folha de S. Paulo*.

Valéria Lacks, psiquiatra que trabalha na unidade de Psiquiatria do Hospital Estadual de Diadema, em São Paulo, pensa de forma semelhante. “O crack assusta muito, mas o álcool e o cigarro ainda causam mais problemas e custam mais ao SUS”, diz Lacks, ressaltando que, dos leitos disponíveis em sua unidade, 40% são ocupados por alcoolistas – e haveria mais, mas eles estabelecem um limite. Seu colega no hospital, o psicólogo Cristiano Ribeiro Vianna concorda, apesar de entender o temor que o crack inspira na sociedade: “Ele é uma droga antissocial, vai rompendo vínculos. O crack rasga a família e vai arrebatando”. Para Vianna,

## O que pode ocorrer com o dependente de crack

REDUÇÃO DRÁSTICA DE APETITE E PERDA DE PESO FRAQUEZA E APARÊNCIA DE CANSAÇO INSÔNIA, QUANDO SOB O EFEITO DO CRACK, E SONOLÊNCIA, QUANDO EM ABSTINÊNCIA QUEIMADURAS E BOLHAS NO ROSTO, NOS LÁBIOS E NOS DEDOS DESCASO COM A HIGIENE PESSOAL FALTA DE ATENÇÃO E DE CONCENTRAÇÃO COMPORTAMENTOS ATÍPICOS E REPETITIVOS (ABRIR E FECHAR PORTAS, ACENDER E APAGAR LUZES) ALUCINAÇÕES, ATAQUES DE PÂNICO, ALTERAÇÕES DE HUMOR E HIPERSENSIBILIDADE FURTOS DE OBJETOS DOMÉSTICOS (PARA TROCAR PELA DROGA) ISOLAMENTO SOCIAL

# Sob efeito da fumaça

O TEMOR GENERALIZADO DIANTE DO CRACK DOMINA A OPINIÃO PÚBLICA E MOBILIZA O ESTADO. MAS ESPECIALISTAS ADVERTEM: A GUERRA PODE REVELAR OUTROS INIMIGOS

a rapidez com que o crack deixa a pessoa vulnerável e em situações degradantes choca mais do que a dependência do álcool. “É um ponto que ultrapassa a linha do que eu aguento ver no outro. As pessoas não entendem como um pai desaparece dez dias logo após o nascimento do filho, por exemplo. Isso vai criando uma imagem meio monstruosa do usuário”, diz o psicólogo, lembrando, porém, que situações como as “cracolândias” não representam o cotidiano de grande parte dos usuários da droga.

No entanto, Valéria e Cristiano ressaltam que a “monstruosidade” percebida não torna o crack mais difícil de lidar do que outras drogas. O tratamento é basicamente o mesmo, consistindo em cuidar do paciente em suas condições psíquica, clínica e social.

Segundo a assessoria de imprensa do Ministério da Saúde, “não é porque temos esse foco que vamos deixar de tratar os demais dependentes químicos ou pacientes com transtornos mentais; a rede de atendimento é para todos”. O crack seria, assim, um símbolo para avanços na política de saúde mental do País.

**MAS O FOCO** no crack não é a única questão que divide especialistas. Para Valéria Lacks, um risco de encarar o crack como inimigo número 1 da saúde pública é incorrer em tratamentos inadequados, como internações involuntárias. “Já vi muito estrago em pacientes que foram internados precocemente porque a mãe ou o pai se apavoraram com um filho viciado em crack”, diz ela. “É muito traumático e não é eficaz.”

Segundo o psiquiatra Dartiu Xavier da Silveira, diretor do Proad (Programa de

Orientação e Atendimento a Dependentes), da Universidade Federal de São Paulo, “a medida mais eficaz [para o tratamento de dependentes químicos] é o tratamento ambulatorial baseado na voluntariedade e na gratuidade. A internação é uma situação artificial: é fácil se manter abstinente durante uma internação. O que acontece, via de regra, é que, quando o indivíduo sai da internação, ele volta a ser usuário e dependente.” Thiago Fidalgo, psiquiatra do Proad, explica que “mais de 90% dos nossos pacientes não precisam de internação”. Segundo Fidalgo, a maioria dos pacientes do Proad tem sucesso terapêutico apenas com medicação e consultas periódicas dedicadas à psicoterapia, ao suporte em enfermagem, à terapia ocupacional, entre outras ações.

O programa de combate ao crack do Governo Federal estabelece três modalidades de internação: a voluntária, que se dá com o consentimento do usuário e avaliação médica; a involuntária, que se dá a pedido de terceiros (familiares, por exemplo), com avaliação médica e acompanhamento do Ministério Público; e a compulsória, determinada pela Justiça. Segundo a assessoria, “o Ministério da Saúde só defende a internação involuntária ou compulsória para casos de proteção à vida, em que há riscos para o estado clínico e psiquiátrico do paciente.”

Por outro lado, exemplos bem-sucedidos de instituições voltadas à internação voluntária não faltam, como é o caso da Instituição Padre Haroldo, em Campinas, onde residem Fabíola e Felipe, citados no começo da matéria. De caráter benéfico e sem fins lucrativos, a instituição é financiada por doações e convênios com

órgãos públicos. As famílias dos residentes pagam o que podem.

A psicóloga Laura Fracasso, que trabalha na instituição, explica que o modelo adotado por eles é o de “comunidade terapêutica”: “É uma moradia sem grades, um espaço de convivência entre pessoas fragilizadas em suas dimensões biopsíquica e social, onde elas podem ressignificar suas relações. Nossos residentes não vêm aqui para parar de usar drogas, esse seria um objetivo pequeno; eles vêm para mudar o estilo de vida, para se autoconhecer”. Em um tempo médio de seis meses de internação, durante os quais os residentes recebem apoio terapêutico de uma equipe multidisciplinar, a Padre Haroldo busca, assim, tratar das razões que levaram uma pessoa à dependência química em primeiro lugar.

O que, no fundo, segundo especialistas ouvidos, é o maior desafio na política de enfrentamento ao crack e a qualquer outra droga no País. “As pessoas chegam a uma situação de miséria e de exclusão social por falta de acesso a moradia, à saúde, à educação. E a droga não é causa disso, é consequência”, diz Dartiu Xavier da Silveira.

### Mais informações

Portal do Governo Federal sobre o crack  
[www.brasil.gov.br/enfrentandoocrack](http://www.brasil.gov.br/enfrentandoocrack)

Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes (São Paulo, SP)  
[www.proad.unifesp.br](http://www.proad.unifesp.br)

Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (Salvador, BA)  
[www.cetad.ufba.br](http://www.cetad.ufba.br)

Instituição Padre Haroldo (Campinas, SP)  
[www.padreharoldo.org.br](http://www.padreharoldo.org.br)

Ouça entrevistas com especialistas e ex-usuários:  
[www.fundacaobunge.org.br/jornal-cidadania](http://www.fundacaobunge.org.br/jornal-cidadania)

# Bom e barato

INSPIRADOS NO MODELO DO CATRACA LIVRE, PESQUISADORES DO MIT CRIAM SOFTWARE QUE FUNCIONA COMO AGENDA DE EVENTOS GRATUITOS, PARA PÚBLICO NÃO CONECTADO

**NA CIDADE** mais populosa do Brasil, fazer chegar uma informação ao maior número de pessoas não é tarefa simples. É de se admirar, portanto, que, semanalmente, cerca de 5 milhões de paulistanos – quase metade da população de São Paulo – sejam informados sobre eventos culturais e esportivos, cursos e serviços gratuitos ou a preços populares, que dificilmente teriam espaço na grande mídia.

O mérito é do **Catraca Livre**, um projeto idealizado em 2009 pelo jornalista Gilberto Dimenstein que divulga oportunidades como essas na região metropolitana de São Paulo (e em outras capitais do País). Todo o conteúdo é agregado no portal [www.catracalivre.com.br](http://www.catracalivre.com.br), mas a abrangência do projeto cresce por meio do que os responsáveis chamam de Teia Comunicadora: uma rede de indivíduos e organizações que replica as dicas do Catraca Livre, inclusive fora da internet. Assim, um festival de *hip-hop* divulgado pelo projeto pode, por exemplo, ganhar espaço em outros portais (MSN, Yahoo!, UOL), no rádio (CBN), na mídia impressa (jornal *Agora São Paulo*), em televisões instaladas em ônibus, metrô, bares e farmácias ou ser difundido por qualquer usuário de redes sociais.

Mas, apesar do sucesso, alguns fatores condicionam o alcance do Catraca Livre. Em primeiro lugar, o conteúdo divulgado depende da curadoria de uma equipe (atualmente o projeto conta com 23 colaboradores, a maioria estudantes de Jornalismo). Equipe e equipamentos, por sua vez, dependem de verba (o projeto é mantido com recursos de fundações, institutos culturais, universidades e

empresas). E, exceto pelas dicas divulgadas *off-line*, a maioria do conteúdo não chega a quem não tem acesso à internet.

E é aí que entra uma solução para não apenas contornar esses obstáculos como também expandir o modelo do Catraca Livre para qualquer cidade do mundo.

**LEO BURD** é um pesquisador brasileiro que mora há 11 anos nos Estados Unidos. Como membro do Centro de Mídias Cívicas do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), Burd se dedica a criar ferramentas que ajudem a circular informação dentro de comunidades e incentivar a participação política dos indivíduos.

Uma dessas ferramentas, recém-criada, é o **What's Up** (em tradução livre, "o que está rolando"), um *software* que torna fácil para qualquer usuário ou organização administrar uma espécie de "mini-Catraca Livre", criando uma agenda de eventos de interesse específico de sua cidade ou de sua comunidade. Em resumo, o What's Up serve como uma base de dados que automaticamente compila agendas de instituições cadastradas e as divulga em diversos meios que alcançam até o público não conectado.

A comparação com o Catraca Livre não é por acaso. Burd já conhecia o modelo idealizado por Dimenstein e admirava a forma como a tecnologia estava sendo usada para agregar comunidades. Assim, ao desenvolver o What's Up, Burd e sua equipe do MIT recorreram ao jornalista para dar assessoria à implementação do *software* em outros lugares, num projeto chamado Free City ("Cidade Grátis") – em fase de testes numa cidade do estado

americano de Wisconsin (e em breve no bairro paulistano da Vila Madalena).

Para Dimenstein, foi uma agradável surpresa. "[O Catraca Livre] foi uma invenção paulistana que agora estamos multiplicando. Na época em que foi criado, era coisa que ninguém fazia, não tinha modelo pra seguir. Foi preciso inventar uma plataforma, fazer uma rede de divulgação e descobrir espaços de programação cultural gratuita", diz o jornalista.

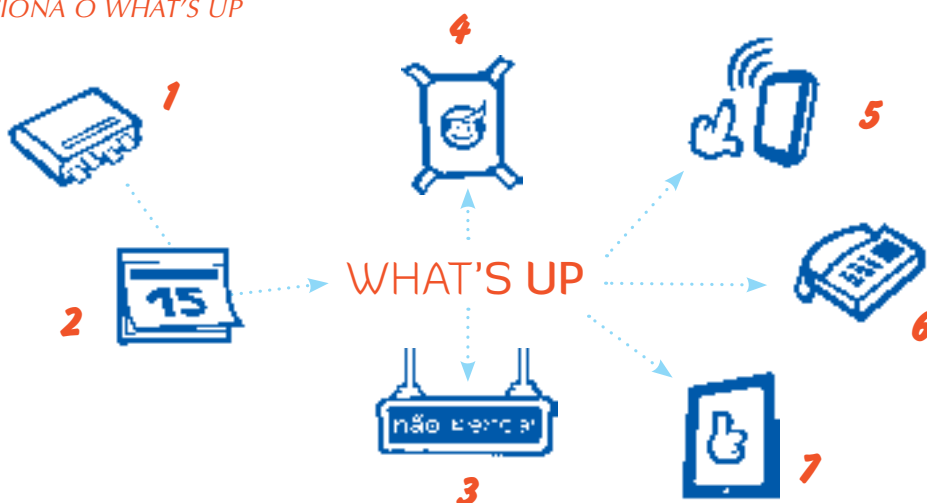
"As diferenças básicas entre o What's Up e o Catraca são de escopo e de acesso ao conteúdo", diz Burd. "Com o What's Up, uma associação de bairro pode divulgar eventos que interessam apenas aos moradores, como uma festa junina ou uma reunião de pais e mestres na escola. No modelo do Catraca, há uma curadoria de conteúdo, que por um lado garante a qualidade das informações, mas por outro traz notícias de interesse mais geral."

Tudo isso, explica o pesquisador, a custo quase zero. "Não será preciso pagar pelo *software*, tudo que desenvolvemos é livre e gratuito." As entidades que utilizarem o What's Up precisam apenas de linha telefônica e servidor. E o público beneficiado, nem isso. Os eventos são divulgados principalmente em meios como letreiros eletrônicos, folhetos e cartazes (posicionados em postos de saúde, escolas, etc.) ou via SMS.

"Houve uma coincidência de objetivos", diz Burd. "Trabalhamos para democratizar a informação, e o Gilberto Dimenstein tinha vontade de expandir o Catraca Livre para outros lugares. Juntamos a fome com a vontade de comer."

## QUE ESTÁ ROLANDO? COMO FUNCIONA O WHAT'S UP

1 A entidade responsável cadastra instituições do interesse da comunidade. 2 As agendas de eventos dessas instituições passam a alimentar automaticamente o sistema (em formato padronizado). Os eventos são divulgados em meios *off-line*, como: 3 letreiros eletrônicos; 4 folhetos e cartazes (o What's Up envia um arquivo em PDF para ser impresso por instituições parceiras, como farmácias, postos de saúde e escolas); 5 e mensagens de SMS para celulares cadastrados. 6 É criada uma linha telefônica específica (de preferência, 0800): cada evento recebe um código que funciona como um ramal para mais informações a respeito. 7 O sistema também atualiza redes sociais e aplicativos de usuários conectados.



# Fase de crescimento

COMO A NUTRIÇÃO INFANTIL PODE INFLUENCIAR O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE UM PAÍS



**SE QUISÉSSEMOS** prever o futuro de uma nação, não faríamos mal em olhar para os pratos de comida servidos às suas crianças. De acordo com estudos da OMS (Organização Mundial da Saúde), os países com maior desnutrição infantil no planeta são também os mais pobres. E cada vez mais os especialistas percebem que a leitura correta dessa relação não é apenas a de que onde falta dinheiro, falta comida, mas também o contrário: uma alimentação ruim pode levar a um desenvolvimento mediocre.

Nos primeiros anos após o nascimento, o desenvolvimento cerebral e biológico da criança é altamente influenciado pelo ambiente em que ela vive – o que inclui os alimentos a seu dispor e a informação sobre eles. As condições vividas na infância, portanto, influenciam fortemente o potencial físico, psicológico e cognitivo do indivíduo em sua vida adulta. “O futuro de um país depende da saúde, inteligência e potencial da população. O cuidado com a saúde materna e a infância é fundamental, porque é a base disso tudo”, diz Steven Rumsey, doutor em Nutrição Humana pela Universidade de Colúmbia (Estados Unidos) e gerente de pesquisa e desenvolvimento da unidade de alimentos da Bunge no Brasil.

Segundo os dados da OMS, todos os anos, mais de 200 milhões de crianças menores de 5 anos não atingem seu pleno potencial cognitivo e social. Quatro

fatores afetam de 20% a 25% dos bebês e crianças jovens nos países emergentes: a desnutrição crônica e grave o suficiente para causar retardo de crescimento; a deficiência de iodo; a anemia (deficiência de ferro); e a falta de estímulo ou oportunidades de aprendizado. “A base para uma nutrição adequada passa pela disponibilidade de alimentos seguros e diversificados. Isso exige processos eficientes e infraestrutura para produção e distribuição. Mas também depende da informação para fazer escolhas alimentares saudáveis. A educação é necessária para tomar essas decisões no cotidiano”, acrescenta Rumsey.

O pesquisador Joseph M. Hunt defende, no artigo *The potential impact of reducing global malnutrition on poverty reduction and economic development* (“O impacto de redução da desnutrição global sobre a redução da pobreza e desenvolvimento econômico”), o que chama de “ciclo virtuoso de aumento da renda e redução da pobreza”. Se os efeitos da desnutrição infantil se manifestam mais tarde em um país, sob a forma de baixa produtividade do capital humano – menor capacidade de realizar trabalho físico e menor agilidade mental –, uma alimentação adequada não apenas resolveria problemas como baixa estatura e anemia mas também resultaria em melhores profissionais, com melhores salários.

No Brasil, grandes progressos têm sido feitos no combate à desnutrição infantil. De acordo com o estudo Saúde Brasil 2009, do Ministério da Saúde, a porção de crianças menores de 5 anos com baixo peso caiu de 7,1% para 1,8% entre 1989 e 2006. Também houve um grande avanço na queda da baixa estatura infantil, reduzida de 19,6% para 6,8%. Com isso, o País atingiu um dos oito objetivos do milênio definidos pela ONU (Organização das Nações Unidas): erradicar a extrema pobreza e a fome.

O Ministério da Saúde atribuiu os resultados ao aumento da escolaridade materna, à melhoria do poder aquisitivo das famílias e à intensificação da atenção à saúde e da cobertura de saneamento básico. Um incremento de 10% na cobertura do Saúde da Família corresponde a uma redução de 4,6% na mortalidade infantil, ressalta o ministério.

“O Brasil avançou enormemente, com uma porção significativa da população aumentando seus ganhos mensais e poder de compra. Mas a chave para o progresso efetivo e sustentável é o equilíbrio entre infraestrutura, poder aquisitivo e educação”, diz Steven Rumsey. O que significa dizer: investir numa melhor produção e distribuição de alimentos e assegurar à população as condições para identificar e adquirir os alimentos certos é um passo decisivo para garantir o futuro da criança, do adulto e do País.

# Nunca se esqueçam

O ESPECIALISTA ITALIANO **DAVIDE RAVASI** EXPLICA POR QUE A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CORPORATIVA É UMA NECESSIDADE



Criado em 1885, o logotipo da Coca-Cola, um dos mais reconhecidos no mundo, se mantém praticamente o mesmo até hoje. Embora não seja esse o único motivo do sucesso centenário da empresa, o certo é que a Coca-Cola tem como um de seus principais atributos a valorização de sua história. E isso, segundo o italiano  **Davide Ravasi**, especialista em cultura estratégica organizacional, faz uma grande diferença. Em entrevista ao **Cidadania**, Ravasi explica como o passado pode fortalecer uma marca e alavancar o crescimento de uma empresa. E por que a memória corporativa deve ser considerada uma ferramenta estratégica, mesmo por corporações jovens que ainda nem tenham tanta história para contar.

## **Qual a receita para um investimento estratégico em memória corporativa?**

Os líderes de uma empresa devem ter consciência da importância do passado corporativo e apoiar seu resgate e uso como recurso estratégico. Também é importante designar um “guardião” do passado corporativo que coordene todas as atividades relacionadas a essa herança. É importante destinar recursos para a criação de um arquivo que sistematicamente recupere e armazene documentos, imagens, produtos antigos, protótipos e maquinário do passado. Tudo isso pode ser útil para a construção de histórias atraentes e significativas sobre a empresa e sua marca. E é importante que esse acervo esteja bem integrado às atividades cotidianas da empresa: design, desenvolvimento de produtos, marketing, vendas, RH, etc.

## **Quais os melhores exemplos que o Sr. conhece de utilização da memória corporativa como ferramenta estratégica?**

Muitas empresas eventualmente usam imagens e objetos de sua história em campanhas publicitárias e em sua comunicação corporativa. Algumas empresas, porém, usam sua herança de um modo mais estratégico e sistemático. Refiro-me

a empresas como a Coca-Cola e a Vespa [fabricante italiana de motocicletas modelo Scooter]. Elas fazem uso de acervos ricos e bem organizados como suporte para o desenvolvimento de produtos e comunicação da marca e construíram museus que atraem milhares de visitantes a cada ano.

## **E quanto a maus exemplos?**

Na Itália, durante anos os executivos da Alfa Romeo ignoraram o passado lendário de sua marca. As campanhas publicitárias e as políticas corporativas tinham pouco a ver com a “alma” histórica da marca e frustravam a comunidade de fanáticos por Alfa Romeo. Até que, há alguns anos, uma iniciativa do museu da companhia incentivou publicitários e gerentes de marketing a redescobrir o enorme potencial que existia naquela história. Desde então, o museu está integrado às demais atividades da empresa. Infelizmente, a Lancia – outra marca do grupo Fiat – não teve a mesma sorte e há anos vem ficando para trás.

## **Empresas jovens também precisam preservar seu conhecimento atual como “memória futura”?**

Obviamente, é bem mais fácil para empresas com uma história longa e de sucesso valorizar o seu passado. A Apple,

quando tinha por volta de 15 anos, decidiu se livrar de todos os seus arquivos. Felizmente, um professor da Califórnia se ofereceu para preservá-los, e mais tarde uma Apple mais madura recuperou esses bens inestimáveis. Empresas jovens são orientadas para o futuro e subestimam o valor do passado. Porém os mitos fundadores podem ser muito importantes para reforçar a cultura e a identidade de uma organização.

## **O que fazer quando a empresa não tem recursos para investir num museu corporativo?**

Uma empresa tem muitas oportunidades para conectar relíquias do passado às suas atividades no presente. Ela pode construir campanhas publicitárias baseadas nesse material. Também pode expor esse acervo em sua sede, seus escritórios, numa espécie de “museu distribuído”. Pode usar essas imagens em publicações, websites e outros meios de comunicação corporativa. Museus são caros e nem sempre são necessários. Mas o uso estratégico da história de uma empresa não pode ser alcançado sem um acervo rico e bem organizado.

Leia esta entrevista na íntegra no site [www.fundacaobunge.org.br/jornal-cidadania](http://www.fundacaobunge.org.br/jornal-cidadania)